

## AMÉFRICA LADINA: INTRODUÇÃO A UMA ABERTURA<sup>1</sup>

MD Magno

Que viva o Rei D. Henrique  
Nos infernos muitos anos,  
Pois deixou em testamento  
Portugal aos castelhanos.  
(QUADRA POPULAR DE 1580)

Aonde é que as mulheres têm  
o cabelo mais enroladinho?  
(PIADA POPULAR)

E também pra me perpetuar em tua escrava  
Que você pega, esfrega, nega,  
Mas não lava.  
CHICO BUARQUE

Não vem que tem!  
BETTY MILAN

Nunca há gol na entrada. E na saída?

Depois do “affaire” dito Congresso Brasileiro, em julho próximo vai haver o tal Congresso Latino Americano. Não sei se alguém de vocês vai participar do chamado Congresso de Caracas, onde se promete a presença de Lacan.

---

<sup>1</sup> Seção 8, realizada em 26 de junho, de *Acesso à Lida de Fi-Menina* (Seminário 1980). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. p. 145-165

De começo, fomos convidados a participar, até mesmo com certa deferência, pode-se dizer. E convidados a apresentar trabalhos, e pensamos inclusive em fazer isso; supúnhamos que íamos ter a responsabilidade, de certo modo, de aglutinar os interesses ditos brasileiros em torno desse Congresso, o que seria extremamente trabalhoso. Entretanto, na pauta do Congresso, que deve ser alguma coisa realmente importante, havia a indicação de ele ser Latino-Americano, sendo que essa estrutura e esse movimento foram negociados com um grupo de Caracas que apareceu já pronto como séde, digamos assim, da América Latina, inclusive com a exigência do comparecimento de duas línguas: francês e espanhol.

Fizemos, Betty Milan e eu, uma moção a Paris, especificamente junto a Jacques-Alain Miller, ponderando algumas construções do Congresso e sobretudo a questão da *Língua*. Um dos temas programados para o Congresso é a Língua, e havia como nota de rodapé, na carta que nos foi enviada, a seguinte observação: “O tema *A Língua Espanhola e a psicanálise*, fica então para vocês substituído por *A Língua Brasileira e a Psicanálise*”.

Quando se trata de Língua, a coisa fica muito séria, porque, afinal de contas, é sintoma fundamental, ou, pelo menos, é sintoma de base nas relações de fala entre os sujeitos. Então, ponderamos que talvez essa América aí chamada de Latina não falasse só o espanhol. Inclusive, talvez, se o fizéssemos numericamente, a quantidade dos sujeitos que falam a Língua... Achávamos que

qualquer trabalho que apresentássemos deveria ser em Português ou em Brasileiro, se quisessem; e a resposta foi muito simpática: Tudo bem, mas desde que vocês se encarreguem da tradução simultânea para o francês e o espanhol.

A essa altura, para mim isso funcionou como interpretação, ou seja, valeu o levantamento da questão à medida que a gente começou a se dar conta: não somos *América Latina*.

De repente, em função desse fato e dessa interpretação, digamos acidental, a gente começou a se dar conta de que o Brasil não é América Latina, sobretudo do ponto de vista do percurso do significante; e no que eu, junto a Betty, ponderei que o Brasil certamente não era América Latina, ela me saiu com uma invenção de momento e que resolve nossa questão, ao mesmo tempo que abre uma nova, para a frente. Disse Betty: “É claro, o Brasil é América-Africana”. Então, nós, nós já estamos situados.

Hoje, temos uma resposta. Não vamos ao Congresso de Caracas, porque não temos nada a ver com nenhum Congresso Latino-Americano, temos que fazer um Congresso *Américo-Africano*. É coisa de crioulo, não reparem.

Não é à toa que, para nós, a substituição do mito de Aristófanes, em termos de geografia, já se deu há muito tempo, talvez até em termos de geologia. Consta, parece, entre os geólogos, que há uma fissura sub-aquática no Oceano Atlântico. Tenho um mapa de geógrafos e geólogos americanos que reconstituíram essa fissura do fundo do mar. A terra teria fissurado,

quer dizer, o sujeito habita lá pelo meio do Oceano Atlântico e, prova disto, é o rebolado da costa; a gente consegue encaixar a costa brasileira na costa africana em termos de forma, de contorno, de perfil. Já ouviram falar nisso, não? Quer dizer, na base do “chega mais”, se se encostar, faz-se a reprodução do mito de Aristófanes, mas a cisão está lá, e não dá pra chegar mais. Mas talvez seja até um encaminhamento de estudo. Pois, como no outro mito, o que se quer é, mesmo, chegar mais: ao encaixe plausível das duas costas, como se desenham no mapa, separadas, no fundo do oceano, por aquela greta, por onde a Terra terá parido a a-bjeta Lua, hiância da qual essas margens, de Brasil e África, são talvez dois grandes lábios – de cuja simbólica oclusão alguma fala quiçá se articulasse.

Betty colocou a questão de que ela acha que o pessoal de língua espanhola, da chamada América Latina, fala melhor francês, ou seja, percorre mais a cultura francesa, com significantes mais precipitados, digamos assim, por esses países do que pelo Brasil. É bem possível. Acho até encantadora essa questão de nós outros habitarmos a América-Africana, já que uma das preocupações tem sido, em nosso trabalho, distinguir, em tudo que se puder, os significantes que constituem a sintomática nacional, e parece uma boa via a gente tentar começar a promover, como trabalho e como estudo, a América-Africana.

Pelo menos, temos uma indicação em nosso amigo Mário de Andrade – uma coisa que a gente talvez não dê muita importância no texto, mas o *Macunaíma*, que para muitos seria uma tentativa

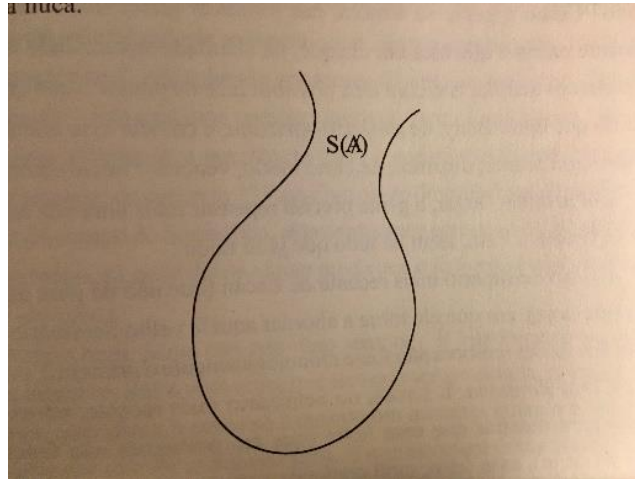
de levantamento desse sintoma, começa da seguinte maneira: “No fundo do mato-virgem, nasceu Macunaíma, herói de nossa gente”. É melhor ressaltar essa palavra herói para depois. E aí se diz: “No momento de seu nascimento era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia Tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma”.

Quer dizer, se a mãe era índia, Macunaíma era preto. É claro que ele vai mudando de cor, pode ficar até louro de olhos azuis, como todo crioulo nacional aspira, quer dizer, são nesses embates das culturas pelo privilégio de certos significantes que se monta esse barato estranho chamado Brasil.

Por que será que Mário de Andrade fez esse nascimento como preto? Não será talvez algum indício de se trata de *América-Africana*? Não será talvez alguma sacação de que o significante *preto*, enquanto situado no regime das chamadas raças – estou falando de raça não no sentido físico-antropológico ou biológico do termo, mas no sentido de coalescência discursiva (aliás, é como Lacan define: raça como repetição discursiva) desse que, no texto, é chamado o herói da nossa gente – ou seja, aquele que poderia arcar com a posição paterna – certamente, tivesse ganho, às avessas, a batalha discursiva?

É importante notar (não é ainda o momento, mas eu gostaria de fazer, futuramente, um Seminário inteiro só da leitura de *Macunaíma*) que, como todos conhecem a história, Macunaíma,

depois de todas as peripécias, e depois de atravessar o feminino – vocês se lembram da Uiara? A Uiara é aquela que tinha um buraco na nuca, quer dizer, o que caracterizava a Uiara é o buraco na nuca.



E, ao transar de algum modo com essa do buraco, Macunaíma é mutilado em várias coisas, sobretudo nos colhões, os “cocos da baía” como diz Mário, perde também uma perna (um membro) e no fim da peripécia toda, sobe aos céus, e se constitui numa constelação chamada *Ursa Maior*. Quer dizer, é uma espécie de castração (se não emasculação), de atravessamento para o outro lado, constituindo-se em referência constelar. O que não é senão, talvez a função paterna, marcação de Nome do Pai.

Mas, interessante, marcação essa que vem travestida de feminino (já que estávamos falando da sexualidade feminina...). A *Ursa Maior*, diz Mário de Andrade, é Macunaíma, “é mesmo o herói capenga que de tanto pensar na terra, sem saúde e com muita saúde, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no

campo vasto do céu”. Campo vasto do céu, certamente, é o campo de todas as inscrições, onde o Real comparece, mas que é lido como campo de inscrição – o chamado campo do Outro. E aí estamos de volta a algumas questões que vão ficar suspensas, já que o Seminário sobre esse feminino, deste semestre, se encerra hoje.

E o que terá a ver a construção do Nome do Pai com essa postura de feminino? Como a gente se lembra, nas fórmulas quânticas, é o significante paterno que está em cheque, na chamada sexualidade feminina. E como podemos acoplar isto com essa possibilidade de pensar o que quis chamar, a partir do que disse Betty, de *América-Africana*, e colocar esse elemento negro como um significante, digamos, de certo modo, vencedor nesse embate?

Em primeiro lugar, precisamos repensar essa questão do Falo. O que é o Falo, além de tudo que já se falou? Há um Seminário mais recente de Lacan (que não dá para desenvolver longamente hoje), em que ele torna a abordar aquele velho Seminário que abriu os textos dos *Écrits* (embora não fosse cronologicamente o primeiro), o *Seminário sobre a Carta Roubada*. E Lacan, no Seminário mais recente, retoma a Carta Roubada para mostrar que essa *lettre* (que, em português, não funciona bem chamar de carta), essa *letra*, cujo conteúdo nunca aparece no conto de Poe, e que não interessa, o que dela interessa é o percurso, percurso desse significante que não é, em última instância, senão o Falo. E ele vai chamar a atenção para o fato de que o aprisionamento dessa letra, desse Falo, em vários momentos do percurso, entre o Ministro, a

Rainha, a Polícia e o Detetive, resulta num efeito feminizante para aquele que dele se apropria. É por isso que a função é de fazer o significante (e é o que sempre acontece) retornar ao seu destino, ou seja, todo percurso é para que o significante retorne à mão da rainha. Então, o que é esse Falo?

Num outro momento, Lacan nos apresenta, de nova maneira, esse Falo, com uma metáfora bastante interessante, o que na verdade não é metafórico, não é uma função metafórica, é concreto. Podemos dizer, como já dissemos aqui várias vezes, que o Falo é o significante do desejo. O que vem a ser isto? Já noutra ocasião, Lacan deixou escapar, talvez sem querer precisamente situar isto assim, que o Falo é a mesma coisa que o Nome do Pai, embora isto não seja de muita precisão. Ora, um escritor brasileiro chamado Fernando Sabino, há bastante tempo, escreveu um romance intitulado *Encontro Marcado* (não me lembro bem de como era), que não é dos mais motivadores, me parece, mais há uma frase interessantíssima nesse romance. No momento em que o garotinho vai ser banhado, pela mãe talvez, ele se espanta com alguma coisa e grita: “Mãe, tem um osso no meu piu-piu”, estranhando um acontecimento no seu corpo. *Tem um osso no meu piu-piu* – isto é de uma precisão incrível. Tanto é que Lacan, também, no tal Seminário, retoma essa questão do Falo, e nos dá exatamente esta metáfora que talvez seja algo de concreto. O Falo é um órgão do Simbólico, é um significante, é portanto do campo do Simbólico, mas comparece como um órgão do Simbólico no próprio corpo, e



Lacan diz de algum modo que o Falo não é o pênis, que o Falo é *o osso do pênis*.

Vejam bem, pênis não tem osso sempre... É interessante que o chamamos de membro, que é uma coisa que tem que ser articulada, portanto tem que ter ossatura, quer dizer, o pênis só é mesmo um membro quando é fálico, ele só pode se articular se tiver estrutura óssea. E que estrutura óssea é essa? Qual é o osso do pênis, que Lacan chama de Falo? É o significante que vem dar esqueleto, ou seja, vem dar postura, em função do desejo, e sobre marcas significantes, ao funcionamento de um órgão de que ele é parasita, em última instância, ou que o parasita. Enquanto órgão simbólico, o Falo é esse esqueleto que comparece no pênis.

Aliás, é algo que está bem dito no mito bíblico. Todos sabem que Eva foi produzida a partir da retirada de um osso de Adão. Lá, dizem que é a costela. Não tinham inventado, talvez, o Falo, no mundo judaico, na tradição judaica; quer dizer, Eva foi feita a partir de um osso de Adão, ou seja, a costela de Adão é certamente esse Falo. Se fosse costela, esses chamados homens deviam ter uma costela a menos que as mulheres. Ora, a costela de Adão, quando se retira, propõe Eva como objeto *a* certamente, quer dizer, é objeto *a* tudo que faz comparecer a costela de Adão, ou seja, o osso do pênis. E o que é que tem a ver tudo isso com o Nome do Pai? Tem a ver à medida que a função paterna é posturação de desejo enquanto lei, e de lei enquanto desejo. É a afirmação da castração

do modo masculino que situa todo comportamento desejante enquanto – *todo homem é função fálica*, como temos visto.

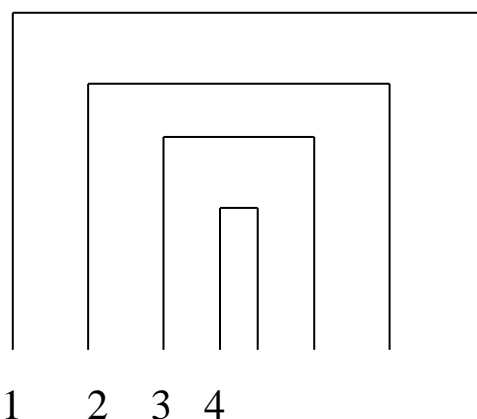
H	H'
$\exists x \sim \Phi x$ $\forall x \Phi x$	$\sim \exists x \sim \Phi x$ $\sim \forall x \Phi x$
HOMEM	<del>A</del> MULHER

O que é a função da castração nessa formulação? É a possibilidade de existir *pelo menos um que não seja função fálica*. Se comparece a suposição da existência de *pelo menos um que diga não à função fálica*, pode-se dizer que *todo falante é função fálica*.

E o que é esse *pelo menos um que não é função fálica*? – esse *pelo menos um* que é negado do lado dito feminino. Pelo lado feminino o que comparece justamente é que não existe nenhum que não seja. Não existindo nenhum que diga não à função fálica, não se pode construir um universal Outro. Se não se pode construir um universal Outro, é a mesma coisa que dizer que *o Outro não existe*, por isso mesmo é que Lacan escreve o Outro barrado (~~A~~). O Outro

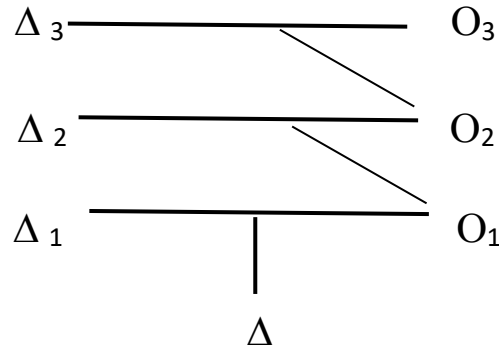
é uma suposição do que não seja estritamente ou escapa do regime da castração, é *sempre* Outro. Portanto, o significante *Falo* é também *significante de que o Outro não existe*. Não é porque não existe, que não funciona. Isto está diretamente ligado, portanto, à função paterna, e por essa função só existir no nível do Simbólico, quer dizer, só simbolicamente ela poder se articular, é que a paternidade vive em suspensão e errância, digamos assim, diferentemente da chamada maternidade.

Até segunda ordem, digamos que tecnológica, até à produção de sujeitos, ou de indivíduos que se possam transformar em sujeitos por vias tecnológicas, por exemplo, as mães são reconhecíveis, são certificadas, ou seja, posso fazer uma sucessão de mães, (e mãe só há uma, graças a Deus, como a gente costuma dizer). Posso fazer uma série (como as famosas bonecas russas), e sei que a mãe<sub>1</sub> saiu da mãe<sub>2</sub>, saiu da mãe<sub>3</sub>, saiu da mãe<sub>4</sub>... e da mãe<sub>4</sub> para trás pode sair uma série infinita, como da mãe<sub>1</sub> para a frente.



Uma sai de dentro da outra, de dentro da outra, de dentro da outra, e ninguém pode, por exemplo, ter por mãe sua avó ou sua bisavó. Mãe, só se tem uma. Ninguém pode dizer “eu sou filho da

minha bisavó”, porque tem a série: mãe, avó, bisavó. Para se ser filho da avó, pulou-se uma da série, e esta série é contada de uma a uma, infinitamente, para os dois lados.



Vamos supor que se tenha um EGO qualquer ( $\Delta$ ); a mãe ( $O_1$ ) deste sujeito (ou deste EGO como diz a Antropologia), só pode ser uma, não se pode posturar mais de uma. Mãe não é uma função estritamente simbólica. Ainda quando ela entra como substitutivo, aí não é a mãe. Mas, no caso do pai, ( $\Delta_1$ ) isso é possível, inclusive do ponto de vista biológico. Posso fazer uma série de mães, digamos de mulheres. Então, se ( $O_1$ ) é mãe de ( $\Delta$ ), a avó é ( $O_2$ ), a bisavó é ( $O_3$ ); não há como substituir esses termos um pelo outro. Posso tomar de empréstimo, mas não posso construir verdadeira metáfora nem num sentido nem no outro. Mas, do lado do pai, posso. É como aponta Lacan – a Bíblia fala de pessoas que viveram até novecentos anos. Se vocês acompanharem aquelas árvores genealógicas, fica um bocado estranho.

Por exemplo, esse cara ( $\Delta_1$ ) supostamente pai deste sujeito ( $\Delta$ ) com esta mulher ( $O_1$ ), nada impede que ele fosse este outro ( $\Delta_2$ ). Poderia haver aí um atravessamento qualquer, nos registros

edipianos, mas, Lacan chama atenção, não é tão pouco raro quanto se pensa (se dermos uma panorâmica do mundo, não é tão raro assim). Quer dizer, nada impede – está aqui o pai ( $\Delta_1$ ), está aqui o avô ( $\Delta_2$ ), o bisavô ( $\Delta_3$ ) – que o sujeito seja filho do seu bisavô, se eu substituir ( $\Delta_1$ ). Então, toda a questão é saber: o que é o pai? O que é uma mãe todo mundo está sabendo, mas, o que é o pai? É alguma coisa só articulável no nível do Simbólico, mesmo porque, vamos supor que “realmente” esse cara ( $\Delta_2$ ) fosse pai e avô deste ( $\Delta$ ); mas nem disto se pode ter prova. A única prova é simbólica; é assumir ou não a paternidade, não há nada que dê garantia dessa prova, ainda que esse sujeito fosse, digamos, filho carnal do avô, ou do pai, ou do bisavô, mesmo porque, dá pé. Uma série de pessoas pode ter filhos ainda muito jovem, e um sujeito de cinquenta e poucos anos pode ser pai do seu neto, pelo menos, ele pode ter a chance de pular um; não pode cometer o incesto com a filha, por exemplo, mas cometê-lo com a neta, um incesto assim meio longe (e não é tão raro quanto se pensa). A função fica, então, designada pelo simbólico.

• Pergunta – *Se Jocasta tivesse tido uma filha com Édipo, ela não teria sido avó e mãe?*

Por via simbólica, você está entrando na via do pai. Jocasta tinha uma filha com Édipo. Você só pode chamá-la de neta pela via paterna. Antígona não é neta da mãe, de modo algum, ela é filha-da-mãe como todo mundo. Você está tomando a via paterna, o registro simbólico, do parentesco, mas estou falando da mãe como

função realizada, parturição. Em outras palavras, como Édipo entrou aqui no meio da história e Laio é que era na verdade o avô, você tomou a função avó por via de Laio. Pode-se ter garantias de que Antígona é filha de Jocasta, mas não podemos saber mesmo se é de Édipo a paternidade de Antígona. Ficou sendo. Podia ser de Creonte, quem sabe, que foi quem ficou mandando tudo...

A única questão a ressaltar daí é a impossibilidade de estabelecer, a não ser por via simbólica, toda paternidade. Estabelecida do jeito que for, o pai do sujeito, o pai dito concreto lá do sujeito, funciona frequentemente no campo do materno; esse pai imaginário que o sujeito pinta está fagocitado pelo discurso materno. Qual é a referência do paterno nisso tudo? É interessante notar que a série das mães não tem, sozinha, um basta possível. Se vocês seguirem a série das parturições, a série dos partos, posso encaminhá-la infinitamente e sem saltos, para um lado e para o outro. Mas o que poderia dar um basta a essa série? Se pensar do ponto de vista do engavetamento materno, fico numa infinitude para os dois lados, algo da ordem da infinitude que comparece quando é negada a função paterna de algum modo no campo do feminino. Isto não quer dizer que feminino seja a mesma coisa que *materno*, e sim que o que há de feminino, nessa jogada das séries maternas, depende do desejo de alguém que instaurou esse elemento como desejado para o sujeito que vem depois daí. Quer dizer, o desejo do pai é esse elemento como objeto *a*, assim como

o desejo da mãe é o Falo, supostamente paterno como possibilidade de estabelecer uma escansão, um basta.

Lacan, nesse momento aí, chama a atenção para as dinastias. O que é uma dinastia? Você fica perdido no meio desses reis, Luiz não sei o quê, Luiz não sei quanto, confunde-se todo. A não ser que se tenha algum ponto de referência, os Luízes são um Luiz atrás do outro: 1, 2, 3, 4...; de repente se estanca a produção de Luízes e se passa à produção de Jorges, quer dizer, a função *número* é que está em jogo.

O que é um número? Podemos retornar a uns trabalhos bem mais antigos no próprio Campo Freudiano. A revista *Cahiers pour l'Analyse* publicou dois artigos – um de Jacques-Alain Miller e outro de Yves Duroux sobre a questão do zero em Frege (houve uma época em que estudamos isto aqui), e eu recomendaria que vocês os retomassem. Eles estão, aliás, traduzidos e publicados na *Revista Lugar nº 4*, e se intitulam respectivamente: *A Sutura (Elementos da Lógica do Significante)* e *Psicologia e Lógica*. Em que lugar vem o Nome do Pai? 1, 2, 3, 4... Não desenvolverei aquela lógica aqui (porque ficaria o resto do dia e mais o outro), mas apenas lembrar como Frege vai demonstrar que, para se conseguir estabelecer uma axiomática sustentável para a série dos números inteiros, é preciso estabelecer o conceito de sucessor ( $n+1$ ), que faz aparecer cada número em sua unicidade, mas que isto não é suficiente, é preciso também estabelecer o conceito de *zero* que é um conceito contraditório, digamos assim.

Na lógica de Frege o que vai aparecer é o zero como número atribuído ao conceito de *não idêntico a si mesmo*, quer dizer,  $a \neq a$ , um objeto diferente de si mesmo, que não há. A esse objeto se atribui o conceito de zero. Não adianta pensar em números negativos porque a álgebra aí utiliza o zero como ponto de referência do relativo e não como número na série dos números inteiros possíveis. Ora, por que custou tanto o surgimento do zero como letra na história da matemática, assim como essa lógica que pudesse nos dar conta do zero como fundador da série dos números? Em última instância (e isso talvez nos interessará demais), Frege mostra que, quando falo do número um, já estou falando do par, porque o conceito de zero é conceito de um número, e zero é o primeiro número; quando digo o número três estou na verdade na quarta posição e daí por diante. Isto tem a ver com o que alguém outro dia me perguntava no Seminário sobre Clínica, sobre o surgimento do quarto, quando o terceiro-soberano intervém, quer dizer, o comparecimento do três exige a colocação do quarto.

- P – *Isso tem a ver com a lógica dos cartéis?*

Sim.

Então, vejam que, na verdade, não é possível (embora eu tenha posto esses números aqui por uma arbitrariedade) instituir a série dos números inteiros, dos números reais, como estava dizendo, através dessa função infinitizante (1, 2, 3, 4...). Isto porque eu não poderia construir uma axiomática a partir de um ponto



inaugural, ponto este que, em última instância, é o conceito de *coisa alguma*, quer dizer, a função da ausência numa nomeação dela sobre um objeto que não há, porque é contraditório, objeto faltoso, objeto *a*. Mas se esse objeto *a* não há, qual será o nome que se dá ao lugar onde ele falta? Só pode ser o que chamamos Nome do Pai. E não é senão o *zero*. Havendo o zero há realidade da série dos números, e as mulheres podem ser contadas, uma a uma, as mulheres do pai, naturalmente. E isso me dá a possibilidade axiomáticamente garantida de dizer: *todo homem... alguma coisa*, é falante, porque posso assegurar o conceito de *todo homem*, todo *x*, porque todo *x* é função fálica. Uma vez que o *n* passa a ser Nome do Pai, como zero, em toda uma série, todo número é um número.

Quer dizer que a função paterna, em empréstimo à função masculina, é alguma coisa que se passa em nível estritamente significante, e isto é estritamente lógico. Conceber o número zero é exatamente igual a produzir o assassinio do pai. É isto que está em *Totem e Tabu*: a ausentificação desse lugar permite a construção de cada número como unicidade particular. E isto é o mesmo que dizer *castração*, ou seja: há função fálica para que todo número seja um número, para que todo falante seja um, para que todo homem seja desejante. Mas há possibilidade de negar essa função fálica. Uma vez que o pai é morto, é *zero*, ele simplesmente pode permitir o fechamento do círculo (de Euler), do conjunto. Freud vem inventar um mito complicado para dizer essa lógica. Ou seja, uma vez abolido esse lugar, posso desidentificar o objeto no

que o identifico, o que é um pensamento aparentemente absurdo: o objeto que não é idêntico a si mesmo, o lugar de um sujeito que não é idêntico a si mesmo.

O que seria o lugar de um sujeito não idêntico a si mesmo? Seria dizer: todo falante é função fálica, mas há um falante que não o é, ele é não idêntico a si mesmo. Se todo falante é função fálica, como pode haver um que não o é? Existe pelo menos um que não é para que todos sejam, e não há nada de paradoxal nisto, o que vai fechar o círculo dos falantes como *todo*, como um universal. Para todo falante há qualquer coisa: o lugar vazio desse objeto ou desse falante não idêntico a si mesmo. Então, a função paterna não é senão a função de ausentificação que promove a castração, quer dizer, promove a série dos números que estarão sempre na dependência desse lugar faltoso.

- P – *Fecho o círculo quando digo: todo falante é?*

Não. Porque não se trata de uma cópula lógica; esse *é* ( $= \Phi x$ ) é uma função de igualdade.

- P – *E o que não fecha, pelo menos, o que não é, seria o nome da borda do círculo?*

Seria a indicação de um lugar vazio, mas que é condição lógica para que os números tenham lugar. O problema sério da matemática (naquele momento pelo menos) era: o que é um número em si, isolado do resto? O que pode ser um número? Nada adianta fazer uma referência empírica, pois quando se conta objetos, não se está necessariamente contando a série com que se

conta. E vai aparecer como sutura a função sujeito – 1, 2, 3 garrafas – e quem contou? Com que aparelho? Por que posso fazer a conta? Porque existe uma função sujeito garantida pelo Nome do Pai. E ele conta: zero é o primeiro número, 1 já é par, do ponto de vista da série dos números. Acontece é que suturamos o lugar do zero, ausentificamos não aquele lugar, mas o sujeito dessa conta, e pensamos contar objetivamente as coisas. Mas aquele é um lugar vazio. Aliás, é o que na teoria dos conjuntos chamamos  $\emptyset$ , conjunto vazio. Isto não é sem ter relação com aquele osso que não há, mas que comparece assim mesmo, e é o osso que conta no momento da instauração do desejo.

• P – *Passar do zero ao um é uma metáfora, por que do um em diante é metonímia?*

A metáfora está na própria instauração do zero: substituir *coisa-alguma* por *alguma-coisa*. Arma-se um conceito de objeto não idêntico a si mesmo que, portanto, se ausentifica, e tasca-se um nome – zero: isto é a metáfora-paterna. A metáfora simplesmente é substituição de um significante por outro, mas o que acontece no momento da metáfora-paterna é a substituição de coisa alguma por um significante. É como diz Lacan: “do nada só se faz significante”. A relação é metonímica, cada um é particular e unitário, e é unidade, cada um é uma unidade numérica.

• P – *O zero é um número?*

É. Aqui vem a série metonímica dos  $(n+1)$  – e isto é que é o importante – com a qual as mulheres podem ser contadas. E

cantadas. Lacan pergunta num Seminário por que encontramos numa jaula um leão e três leoas, tudo em paz, e elas não brigam umas com as outras? Porque elas não sabem contar. Isso é muito sério, porque se elas soubessem, começavam a brigar. Mas não é um construto necessário sem o qual a série dos números fica sem apoio, sem garantia axiomática?

• P – *Estaria relacionado platonicamente com o mundo das ideias?*

Não é uma imagem de número, nem de pai. Você aí está falando dos avatares imaginários daquela posição.

• P – *Falo da imperfeição tentando resolver-se, pelo menos, na questão da repetição.*

Imperfeição porque o zero não se basta a si mesmo, logo aparece a série dos números? Se você quiser chamar essa imperfeição de castração, está bem. Porque o pai é castrado, a série dos números existe. Aí tudo bem. Mas acontece que o pai é um castrado incastrável, porque também vira pelo avesso, e é aí que Lacan fala da função feminizante do significante Falo, aquele que aparentemente se apodera dessa letra, se feminiza. Nada mais fêmeo do que um machão, pois, em vez de dar isso para o Outro, guarda-o para si mesmo. Há que botar isso na mão de Outrem, se não...

• P – *O Nome do Pai é um conjunto vazio, é um lugar onde falta o objeto faltoso. Se falta o objeto faltoso há o objeto então?*

O objeto *a*, que não há. A única coisa que pode situar o objeto *a* é essa falta, que chamamos de castração. Isto porque se o pai não fosse castrado ele seria A mulher, absoluta, seria A *Mulher*, que não há, porque não lhe faltaria nada. Agora, por que ele fica acumulando tantas mulheres? Porque lhe falta algo, e no momento em que lhe falta radicalmente esse objeto inabordável, inapreensível, ele entra no movimento de constituir a lei do desejo, quer dizer, de colocar qualquer ordem na bagunça. Metonímias do objeto *a* são figurações, ou seja, o sujeito, que está no regime do desejo, da castração, vai instituir objetos para colocar no lugar dessa falta, mas nenhum o *é*. O que está por trás de todo objeto dito objeto *a* é o *a* atribuído a esse objeto, ou seja, não se quer aquele objeto, quer-se o *a* que se supõe estar por trás dele.

• P – *Assim como na série dos números inteiros, o zero é um presente ausente?*

Sim. É a escrita, o nome, de uma ausência, digamos, o nome que se atribui à castração. E o que falta para essa ausência não ser ausente, para locupletar essa série? Um objeto que não há, que é perdido de saída. Só que os mitos e as construções culturais, etc., vão erigir alguma coisa, alguma ficção para colocar nesse lugar, ou seja, qual o Nome do Pai? E qual é o nome do lugar-tenente do Nome do Pai? Por um motivo importante, porque se souber qual é o nome do lugar-tenente do Nome do Pai, achei esse um ( $S_1$ ) que talvez não seja senão marcas de identificação, isto é, o nome do Nome do Pai.

• P – *Mas como pode ser que o caminho de  $S_1$  seja a referência ao Falo se o Falo não é coisa alguma?*

Não é coisa alguma? É. O Falo é um significante. A referência do falante é o nome de coisa alguma só que, para isso, é preciso que a castração compareça na fala do sujeito, e que a posição Sujeito seja assumida. Se não, o nome articulado sem se saber que ele é apelido de alguma coisa vai ser um  $S_1$  que fala sem saber o nome.

• P – *Quer dizer, a nomeação é saber-se nome?*

É isso. É o que chamei de faz-de-conta; o faz-de-conta não é mero faz de conta, tem que se fazer mesmo as contas, 1, 2, 3, 4... tem que se contar tudinho, do contrário não se chega aonde não se tem mais conta.

\* \* \*

Aí é que pergunto: Qual é o nome do Nome do Pai em brasileiro? Será Macunaíma? Pelo menos parece que é o que Mário de Andrade fabrica no mito. A constelação, como todo  $S_1$  o é, se instala no campo do Outro, como referência, a partir de um processo que lá é apresentado como mutilação, mas é um processo de castração, de ausentificação, de lançamento fora, ficando o nome e um real, no céu. O que terá ele sacado para isso? O *pára-isso*? Macunaíma é o  $S_1$  do brasileiro? O brasileiro, isto não existe, é uma ficção, mas como toda verdade tem estrutura de ficção, é por

aí que temos de ir, e aí retorno à América-Africana: Por que Macunaíma tem que ser preto, de nascença?

• P – *Preto é ausência de cor?*

Depende, não sei. Começa que Macunaíma é o herói da nossa gente. E não tem nada melhor para ser o pai, o substituto do Nome do Pai, do que o chamado herói. Até escrevo sem *h* – Erói – e não o chamo de Macunaíma, mas de *Máquina-Imã*. Máquina-Imã, o Erói – não o herói sem nenhum caráter, mas o erói sem *H*. Não é o mesmo que dizer que o Falo, enquanto significante (Lacan o inscreve do lado masculino, e também a letra do sujeito está desse lado, o que não é um privilégio, pois o sujeito está de qualquer lado), é pura alteridade também? Aquilo que já coloquei muito para trás e que, no que recorta, arrola e omite, e vira também para o outro lado. Qual é a máscara do pai? Ou seja, qual é a “personalidade”, a *persona* do pai?: Ursa Maior, diz Mário de Andrade. Será que o pai é a garantia da mulher numerada? Ou é a numeração da mulher? Ou é a mulher, numerada, pela morte?

• P – *Você pensou essa mulher numerada, a partir do conceito de sucessor, das identidades?*

Essa sequência infinita não tem começo nem fim. Isso aqui, 0, 1, 2, 3, etc. tem *começo*. É o não idêntico a si mesmo, um golpe de recorte, a partir do qual dá-se um basta, e se pode numerar as coisas. Isto é que é função paterna, e isso é tudo. Vamos fazer as contas, ou vamos fazer de conta. E é preciso que esse elemento seja

retirado da função fálica e, no entanto, seja fundador, garantidor, de fala. É um lugar paradoxal, aparentemente, porque é lugar vazio.

Se é que minha sequência vale, pergunto de novo por que Mário de Andrade colocou Macunaíma como Pai da nossa gente (se é que colocou), e que nasceu preto? Ele pode mudar de cor, mas nasceu preto. Supomos, o tempo todo, que somos filhos de europeus. Chegaram os galegos, começando com Colombo, que meteu a mão na chamada América (aliás, brasileiro parece que não se conforma muito com esse nome de América, não é muito nosso). Recortou-se aí certa região tomada pelos portugueses, etc., com muita confluência de outros países europeus. Mas pergunto: quem ganhou a paternidade nessa briga? Será que, percorrendo os elementos da nossa cultura, podemos escutar esse  $S_1$ ? É possível que a psicanálise se aplique a escutar a cultura para descobrir seu sintoma, ou seja, o nome do Nome do Pai? Estou lançando a hipótese de que o Pai é Negro (é um absurdo!, todos ficarão com complexo de crioulo), a mãe pode ser Índia, e a Europeia talvez seja só a outra. E o Europeu? Ele talvez seja o tio, se não for o corno.

Estou dizendo que, talvez, a sintomática cultural brasileira se decante em húmus africano. Por mais que encontre mil ingredientes, estou perguntando se é válido dizer que o Brasil não é América Latina, que é *América-Africana*, a cultura *amefricana*. Em suma, quero saber se, na dialética senhor-escravo – porque é a dialética de nossa fundação, na qual sempre o senhor se apropria



do saber do escravo –, a inseminação, por vias desse saber apropriado, como marca que vai dar em relação com S<sub>2</sub>, não foi produzida pelo escravo que, na dialética, retoma o lugar do senhor, subrepticiamente, como todo escravo. Quer dizer: “Você faz isso tudo conosco, mas é a gente que te goza! A gente é que trabalha, que produz, mas no fundo a gente é que goza”. Em outras palavras, o lugar do senhor era de outrem, mas a produção e a apropriação do lugar-tenente do Pai veio marcada afinal por esse elemento africano. Alguma coisa por aí... Estou fazendo uma questão do que certamente, e diferentemente dos países da América Latina – são os outros –, teria acontecido no Brasil...

• P – *Para Hegel, senhor ou mestre é aquele que não participa do trabalho, enquanto o escravo trabalha. Ao trabalhar, o escravo modifica e o senhor não percebe.*

A dialética do senhor e do escravo é esse troca-troca de posições.

Há todos esses mitozinhos que correm na cabeça do brasileiro. Por exemplo, o de não querer assumir o *preconceito de cor*, de modo algum. Será que é vergonha? E se o pai é crioulo? Ora, ao mesmo tempo que se tem vergonha de dizer isto, não se pode assumir o preconceito porque seria destronar o pai? Em todos os nossos recantos culturais – vamos pôr uma palavra difícil de definir, mas por enquanto fica esta, o gosto –, os gostos não são fundamentalmente de crioulo? Os requebros, as poupanças, os

temperos, os tamanhos, os sovacos, as mandingas, as virilhas, etc., etc., que percorrem esse molejo nosso?

A pesquisa do carnaval que o pessoal no momento está fazendo (essa famigerada “carnavalização” dos zoólogos sociais que Betty quer construir de outro modo), não será algo como a representação desse gozo do Sr. Escravo na sua herança, quer dizer, no devido lugar de sua herança? Ninguém duvida que carnaval é coisa de crioulo. Ou duvida? E existe também a comprovação da chamada *mulata*, que é um símbolo nacional. E qual é o objeto parcial do brasileiro, de nossa cultura, se é que ela existe?

- P – *É a bunda.*

É bunda... Isso dá pano para manga... Bunda é uma língua, aliás, é o nome de uma língua africana. E então? Há uma série de questões que eu gostaria de abrir para o próximo semestre. Alguém tem sugestão a me fazer para continuar isto? E tem outra coisa que dizemos e que gostaria de poder situar, e com muita clareza, se possível. Vocês sabem que se diz: “Nego quando não caga na entrada, caga na saída”. Não se deve pegar um dito desses e só fazer de conta que ele é preconceituoso. Não, ele deve ter um sentido muito precioso. Precisamos fazer as contas. O que quererá dizer “nego quando não caga na entrada, caga na saída”? É importante o que isso queira dizer. Será também que posso substituir nego por brasileiro? Há os exemplos de Zumbi, de Ganga-Zumba... Há uma espécie, assim, de subversão das Instituições do Senhor. Quer

dizer, tudo vai dar direitinho, aí faz-se uma cagada, e pronto; acabou-se, não dá mais; agora é *Outra* coisa.

Não adianta nadar contra a corrente sintomática, é melhor fazer o sintoma falar, e dizer muito bem. Quer me parecer que as abordagens sociológicas, e outras zoologias, ficam lutando contra a corrente, na aparência de estarem a favor da corrente, mas elas têm umas ideologias de base que não as permitem pegar o sintoma tal como é, e o dizerem bem. Taí o campo da Arte que não me deixa mentir. Por exemplo: existe uma Arte Brasileira, no estrito sentido de que se falou e se disse, um negócio, assim, sintomaticamente situável, que tenha explicitado um sintoma de diferença? Onde está? Ou está-se o tempo todo escondendo esse sintoma atrás de aparências europeias, americanas, sulamericanas, latinas, e coisas desta ordem?

• P – *Onde entra o feminino nessa América-Africana?*

Estávamos, afinal, no campo da Sexualidade Feminina. Chico Buarque gozou com nossa pretensa malandragem em sua *Ópera do Malandro*. Talvez a cultura amefricana não seja a do malandro – mas a da mulher do malandro... É a cultura da ladina amefricana – mesmo apanhando todo dia...

E a iniciação sexual do brasileiro? Acho que só muito recentemente deixou de ser feita por crioulos. A mãe-de-leite era crioula, nossas primeiras sacanagens eram com as crioulas e com crioulos; mais recentemente é que a tecnologia (com o nome de “educação sexual”) inventou separação.

• P – *Ao invés de somente africano, o Brasil não seria ibero-africano?*

O Brasil? É uma África! Pode ser até sino-africano. Tem muita coisa. Vou abusar um pouco da escrita, mas é algo como isto: estão aqui,  $S_1$  e  $S_2$ . Minha questão, nessa transação toda, onde entra de tudo, é saber se a marcação da situação não é por um significante que se situa como base dessa sintomática, por elementos de identificação provenientes da dialética de senhor e escravo, quando teria ganho, como produtor das marcas, o próprio escravo. Isto talvez não queira dizer rigorosamente coisa alguma, mas serve como metáfora. Isto não prova nada? As crianças eram muito entregues aos crioulos. Nada impede que, na luta entre senhor e escravo, se veiculasse necessariamente o significante valorado do lado do escravo, o que seria babaquice do escravo se não acontecesse. Isto é uma questão, nada mais que isso.

É também notório, por exemplo, quando se fala do português dentro da cultura brasileira. O que se diz? Que ele instituiu a raça negra como objeto *a*, foi o *inventor* da chamada mulata. Por quê? Como é esse desejo? Há também, por exemplo, verdadeiras idolatrias assaz repetentes, como a adoração do crioulo de PauGrande. Estou falando da “Alegria do Povo”, um chamado Garrincha. E há Pelé, embora este seja quase tão branco quanto o Sidney Poitier, que Deus os tenha... mesmo que ainda não estejam mortos.

• P – *Cabral saiu para as Índias, e veio cair nos braços de outras índias.*

E não esqueceu jamais todo o bodum que carregou para casa quando passou pela África, não é?

• P – *Existe então o brasileiro?*

Não sei. Quero supor que, seja como for, talvez esteja instalada por aí certa sintomática que ainda não disse seu nome. Talvez porque sempre tenha que pedir licença para se apresentar, e com certa roupa importada, de algum lugar. Todo mundo quer ser nacionalista, quer ser brasileiro, quer descobrir o que seja a cultura brasileira, mas, talvez, expor esse sintoma seja tudo que esse neurótico não quer, mesmo quando se propõe a uma análise, como acontece aliás em toda análise.

• P – *Mas também existe a língua, não é? A língua brasileira? Você falou de uma arte brasileira, não existe nada que identifique isto.*

Ou então é a gente que não sabe escutar. Esta é a minha questão. A interpretação é um ato político. Aqui e ali, em outros lugares, reconhecemos certas interpretações. Talvez não se possa negar que a Pop Art, na América do Norte, seja uma interpretação válida, destacamento de um sintoma. O Brasil, por exemplo, tenta se identificar com o *samba*. Será que é isso? O samba, todos sabem de quem vem, de que antro, de que história. (Não se trata aí de uma etimologia clássica, trata-se de uma etimologia prática, e de que funciona).

- P – *Onde estaria o significante aí?*

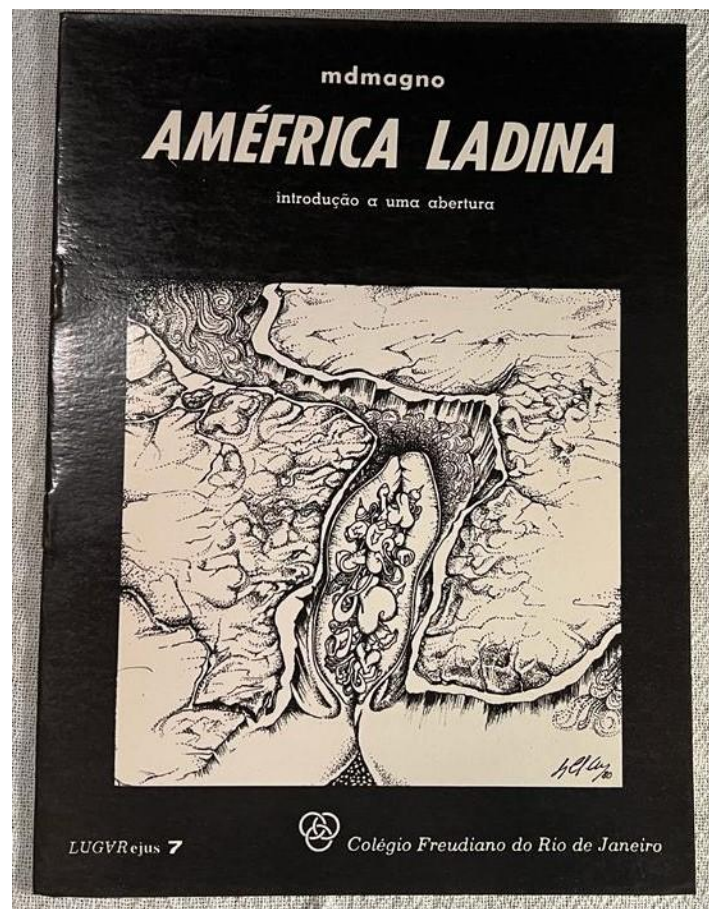
Onde estaria o selo? Que significantes, no meio de uma pletora de significantes, são sê-lo?

- P – *Com qual você iniciaria essa série?*

O sê-lo, sim, o S<sub>1</sub>, o Significante-Mestre, ainda que escravo. Porque é um sintoma. Cultura é sintoma. E talvez possamos agarrar sua letra. Para o quê sugiro pôr atenção, nessa *letra, ladinamefricana*.

Que se a gente nunca agarrou na entrada, há dica: agarrar na saída.

Separata publicada em julho 1980:



[Texto revisto: 14.03.2020]